

A sociedade se move em torno de suas catracas

Em Julho de 2009 o grupo artístico "Contra File" desenvolveu o "Programa de descatracalização da própria vida", instigando uma discussão em torno dos controles impostos na sociedade.

Ao entendermos a catraca, como uma forma de controlar entradas e saídas, organizando-as ou impedindo-as; fica muito clara a ~~sim~~ relação simbólica da catraca com as formas ~~ex~~ de exclusão social de nossa sociedade.

Tais exclusões proporcionadas pela sociedade para si mesma, têm por vezes o intuito de atestar segurança, como a permissão de um mercado para entrar num condomínio. Outras vezes institui um dever, como o dever de pagar certas taxas para utilizar ~~os~~ serviços variados. Há ainda, catracas invisíveis de ter selativo, esse texto é um exemplo forte de catraca invisível no Brasil; afinal, o vestibular não passa de uma catraca que exclui anualmente mais de cento e quarenta mil estudantes, apenas para a Universidade de São Paulo.

Mas os puzencitos e suas formas de excluir, humilhar e ~~cont~~ constranger são as catracas invisíveis que mais destroem a sociedade, devendo ser combatidas como o combate a um câncer.

A campanha do grupo "Contra File" é de fato muito válida, pois há catracas visíveis; contudo, as ~~de~~ de organização e segurança, ainda são necessárias. O que se constata, é que a catraca, é inerente a sociedade em que vivemos, seja ela em forma de penúria, convite, dinheiro ou educação

Acesso restrito

Uma cataca enfiada, exposta num pedestal em São Paulo, suscitou debates e gerou polémica, inicialmente a respeito do conceito de arte. Entretanto, depois que o grupo artístico "Contra Filé", responsável pela colocação da cataca, assumiu o feito e apresentou seus argumentos, novos debates e discussões surgiram, agora a respeito da "desacatização da vida" proposta por esses artistas.

O grupo em questão alega que a cataca exposta é uma alegoria da "cataca invisível", a qual, por sua vez, representa as forças consoladoras do homem contemporâneo. Para o "Contra Filé", há um excesso de forças coercivas no mundo atual, e a polémica reside justamente na validade ou não dessa afirmação.

A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceita a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, torna-se possível a vida em sociedade.

Entretanto, observando certos fatos e aspectos do mundo atual, pode-se dizer que hoje há uma limitação excessiva, como constatou o grupo artístico. No Brasil, a violência e a barbárie nas grandes cidades foram responsáveis por limitar ainda mais o acesso da população aos mais diversos locais. Nos Estados Unidos, Israel e Espanha são construídos grandes muros a fim de conter a entrada de mexicanos, palestinos e africanos, respectivamente. Esses são apenas alguns exemplos a partir dos quais é possível notar, então, que a existência de tantas limitações está intimamente ligada à enorme desigualdade existente não só entre os brasileiros, mas também entre os países.

Essas catacas invisíveis não, portanto, alguns dos instrumentos que justificam a desigualdade acentuada a cada dia pelo capitalismo. Há de se derrubar, além destas, as catacas invisíveis consoladoras dos cidadãos, a fim de que seja combatida tanta desigualdade. O programa de "desacatização da vida" proposto pelo "Contra Filé" é totalmente pertinente, pois, de fato, luta a favor de maior igualdade, querendo esse indispensável para que se alcance um mundo melhor e mais justo.

Um mundo sem catracas é possível?

A "Catracalização" da vida, ou seja, a adição de uma série de controles, seleções e limitações à existência humana, são uma constante na história das civilizações. A vitória global do Capitalismo sobre os outros modos de pensamento e produção aumentou a tendência "catracalizante" da sociedade, a pretexto do estabelecimento de "uma nova ordem mundial".

As catracas que exercem pior efeito sobre a vida dos indivíduos são as invisíveis, as morais, que encontram-se, na maioria das vezes, confortavelmente instaladas na mentalidade de suas principais vítimas. Socialmente, elas manifestam-se pela segregação em classes — cada vez mais distintas umas das outras — e pela ~~discriminação~~ discriminação — a face mais cruel da exclusão social, em que diferenças étnicas, culturais, são consideradas mais importantes até do que a vida.

Apesar de suas gritantes disparidades, esse modelo continua de pé, crescendo assustadoramente a cada década, afinal, visualizar alternativas passíveis de concretização tem sido cada vez mais difícil. Estarria-se sem pre em duas perspectivas, caso uma civilização sem "catracas" seja viável. A primeira é a do completo caos, onde prevaleça o imperativo comum de 'levar vantagem sempre', e não o respeito a leis.

A outra perspectiva é demasiadamente utópica, pois ignora os impulsos egoístas inerentes à condição humana. Para uma implantação possível, seriam necessários regimes rígidos e implacáveis. Porém, basta analisar a história para notar o caráter insustentável de políticas autoritárias.

Logo, vê-se que tão cedo a humanidade não se desencilhará dessas "catracas invisíveis" que construiu para si durante séculos. Por um bom tempo será necessário conviver com elas, até que deixem de ter o status que têm hoje — e isso só será conquistado por meio de uma educação de qualidade e universal, que não é simples "adestramento profissional", mas abja as necessários conteúdos a ~~formação~~ imprescindível formação dos valores: forjando cidadãos solidários e ecumênicos, capazes de substituir as grades "catracalizantes" por regras estabelecidas democraticamente, ditadas pelo bom senso.

A catocalização da sociedade

A catraca é um objeto constantemente presente na vida dos cidadãos e que passa despercebida muitas vezes. É comum encontrar catracas nas entradas e saídas de diversos pontos da cidade, como estações de metrô, cinemas, faculdades, mas nunca em monumentos.

Apesar de ser um objeto comum na sociedade, chamou a atenção ao ser colocada em cima de um pedestal no Largo do Aracaju (centro de São Paulo), pelo grupo artístico "Contra Filt" em julho de 2004. Alegando ser signo representativo de um controle "biopolítico", o grupo criou o Programa para a Descatocalização da Própria Vida.

Éz sentido, mesmo passando despercebidas há inúmeras catracas em uma cidade, que acabam sendo uma forma de controle dos cidadãos e até de seleção. Quem passa pela catraca tem ou fez algo a mais do que os demais que ainda não passaram. Tomar do como exemplo um ônibus ou cinema, se entra e passa pela catraca quem tem dinheiro para pagar o bilhete ou ingresso.

Quando o grupo denomina o monumento criado de "catraca invisível" representa também os bloqueios que submetem pessoas a constantes limites e limitações, mesmo não existindo uma catraca real.

Para "passar pela catraca" do mercado de trabalho é necessário uma série de pré-requisitos (como instrução, experiência, perfil, idade...), sem os quais o cidadão não entra. Quando determinados lugares barream os passos na porta, por não tiverem determinada estrutura ou por não pertencerem a uma certa classe, demonstram uma "catraca social".

A função da catraca é controlar os cidadãos para que não façam o que quiserem e cumpram as normas como foi determinado. Sendo visível ou não, é elemento presente no cotidiano da sociedade, sendo necessária para a ordem social discriminatória com o Homem.

Catracas e grilhões

O grupo artístico "Contra File" ergueu um Monumento à Catraca Invisível, na forma de uma catraca sobre um pedestal. O monumento foi a princípio um mistério, pois surgiu em pleno largo do Arouche, da noite para o dia, sem aviso. Na placa preta que dava nome ao objeto, havia também a inscrição "Programa para a Descatracalização da Vida", que, depois se esclareceu, é um projeto das envolvido pelo "Contra File".

Enterrujada e deteriorada, a catraca parece materializar a opinião do grupo sobre as "catracas invisíveis": as restrições ocultas à liberdade, as "podres poderes" de Coetemo, a opressão ~~sub~~ ~~liminar~~ subliminar e irresistível, o "controle biopolítico" pelo capital e pelo governo, como o próprio grupo define.

Por que "biopolítico"? A clássica revolta contra a opressão política e econômica junta-se aquela contra a opressão racial, ainda mais legítima. Unem-se em uma só palavra problemas com diferentes origens históricas e expressões sociais. Cria-se quase uma teoria conspiratória para basear o manifesto. A julgar pelo ~~monu-~~ monumento, o programa parece, apesar das boas intenções, passar longe de uma solução para os problemas que expõe.

É difícil conceber a vida grande-urbana sem que haja diferenças sociais. Mais difícil ainda imaginá-la sem a presença de poderes econômicos e políticos - ainda que se questione a quem eles são conferidos. A "descatracalização da vida", no âmbito social, pareceria apontar para a extinção desses poderes, mas eles sempre se reconstituem, como a História humana prova. E são sempre mais fortes e injustas quanto maior a massa dominada.

Porém o Programa do "Contra File" acerta num ponto, que é a conscientização universal. A solução para os problemas do Brasil e do mundo tem que passar pela libertação dos grilhões da ignorância intelectual e cultural. O autoconhecimento e a consciência de si e do mundo é a grande revolução que pode realmente sanar o mundo. Resta-nos unir esforços para que, no esforço de se "descatracalizar", o povo se autodescubra e, um dia, se desagrilhoar.

A CATRACALIZAÇÃO das CATRACAS

Diversas barreiras e limites são impostos diariamente à população. Da mais banal ca-
 traca de metrô à prova de vestibular a segregação se manifesta. Com isso, boas moções cul-
 turais, universidades e até mesmo transporte ficam inviáveis para grande parte do humilde
 povo brasileiro. Por isso, grupos como o "Contra Fide" pregam a "descatracalização da pró-
 pria vida", ou seja, a diminuição das filtragens que separam todos os dias. Mas será
 mesmo que todas essas seleções são desnecessárias e prejudiciais?

Os relativamente altos preços do transporte público, os altíssimos preços de planos de
 saúde e escolas particulares e os impagáveis juros dos crediários das lojas populares são
 extremamente danosos. Em um país com uma carga tributária como a nossa, era de se espe-
 rar que os hospitais e o ensino fundamental e médio públicos fossem de boa qualidade, ou que
 pelo menos atendessem à demanda. O mesmo se aplica a ônibus e metrô. Em muitas cidades
 do Brasil o trabalhador médio gasta boa parte do seu salário em conduções, sobrando
 pouco para o consumo, o que prejudica a economia. Iniciativas como o bilhete único pa-
 lmitos e a rede integrada Curitiba são um direito do contribuinte.

Por outro lado, algumas barreiras são necessárias. Exame básico para comprovar a
 alfabetização dos candidatos a cargo político garante, pelo menos, que os novos go-
 vernantes saibam ler e interpretar um projeto de lei ou um simples memorando. O pró-
 prio vestibular, apesar de antiquado, é uma boa forma de separar os alunos preparados
 do restante. No entanto, nas atuais condições de ensino e de distribuições de renda do
 Brasil, torna-se injuntiva a competição entre os candidatos oriundos de escolas públicas e
 dos de escolas privadas. Uma reforma escolar, assim como uma reestruturação do processo
 de seleção, como, por exemplo, adotar o histórico escolar como parâmetro, seriam possíveis
 soluções.

Se em uma nação marcada pela diferenciação entre negro e branco, aristocratas e plebeus,
 patrões e proletários algum dia será possível haver condições igualitárias e justas é difícil afir-
 mar. Mas o impulso para que isso ocorra tem que acontecer, por isso manifestações como a
 do grupo "Contra Fide" e a existência de partidos como o PSTU e Fenícia. Não que eles se-
 ão totalmente certos, porém é bem-vinda a oposição aos conservadores principistas dos an-
 tigos sinistros e coronéis. Uma mistura entre as duas ideologias pode fazer do Brasil
 uma verdadeira democracia e finalmente justificar o nome República Federativa do Brasil.

01 Durante a Primeira Guerra Mundial, um grupo de artistas se re-
 02 fugiu na Suíça e fundou um movimento de vanguarda chamado
 03 dadaísmo. Tal escola objetivava discutir o que é arte e também
 04 propunha novas formas de expressão. Entre o grupo, figurava o
 05 artista Duchamps que questionou o público em uma das suas expo-
 06 sições ao colocar um mictório no alto de um pedestal. Poderia ~~ser~~
 07 um simples objeto cotidiano ser considerado como obra de arte? E
 08 qual seria sua importância para a conscientização das pessoas?

09 No século seguinte, no Larho do Arouche, a mesma cena é repeti-
 10 da. Não um mictório, mas sim uma cataca sobe o pedestal e passa
 11 a condição de obra de arte. Tal objeto deixa a sua condição anteri-
 12 or e passa a assumir uma gama imensurável de sinais, e consequen-
 13 temente de significados. Se a arte tem como função libertar e ser
 14 humano do controle cotidiano e expandir novas possibilidades ao
 15 indivíduo, o programa desenvolvido pelo grupo "Contar Fila" se justi-
 16 fica, assim como aconteceu com o mictório de Duchamps. Ambos
 17 os trabalhos contribuem para a formação de uma nova consciência.

18 Redes opressoras constantemente se ordenam e ~~pas~~ passam a
 19 conduzir a vida da massa populacional. O papel da arte é tornar
 20 visíveis tais mecanismos para que, ao serem vistos, conscientizem
 21 sobre a existência desses fatores manipuladores. Então, as formas
 22 artísticas contribuem para o senso crítico, aguçando a percepção de
 23 como o mundo e a vida se organizam.

24 Após o reconhecimento do ~~o~~ mecanismo opressor, é possível analisar
 25 a situação vigente e propor novas alternativas. Então, a arte não so-
 26 mente denuncia como também contribui de forma ativa na busca de
 27 ~~novos~~ novos rumos para a sociedade.

28 Logo, é imprescindível o papel da arte na formação de "sinais
 29 saudáveis", teoria de Jean Roland Barthes que defende a opacidade dos
 30 sinais para que todos sejam capazes de reconhecer a ideologia escon-
 31 dida por trás de cada um deles. E assim, a população obtenha as ferram-
 32 entas necessárias para lidar com os mecanismos do mundo e não
 33 parar nas catacas da vida.

Passagem livre

Uma definição de catraca diz que ela é um instrumento usado para controlar o movimento de pessoas. Na observação da vida, a catraca pode se mostrar de várias formas, não como um instrumento físico, mas com o mesmo fim de controlar os indivíduos. O fato é que colocamos outros nomes e muitas vezes não percebemos que estamos passando por catracas invisíveis, que controlam todas as ações, pensamentos e decisões do indivíduo dentro da sociedade.

Uma forma simples de vermos a ação de uma catraca invisível é o desempenho da mídia para controlar a mente dos indivíduos, através de programas de rádio, televisão ou mídia impressa. As pessoas que detêm o poder tentam incutir alguns valores na cabeça dos indivíduos, os quais passam a atuar como verdadeiras catracas. Temos como exemplo o preconceito crescente na sociedade, que pode ser ideológico, religioso ou racial, que é uma forte catraca a ser derrubada.

Outra catraca a ser abolida é a que o dinheiro impõe. Ela tem suas raízes na estrutura imposta pelos governantes. A partir do fato de não haver uma verdadeira igualdade na distribuição da renda, forma-se uma grande barreira a ser transposta pelos que ficam com as menores parcelas ou, às vezes, nenhuma. Figura aí a mais forte catraca que não só controla o movimento das pessoas, mas impede que muitos passem ao outro patamar, pois a realidade é que, numa sociedade como a nossa, indivíduos que não têm uma boa parcela da renda estão fadados a passarem a vida na mesma miséria social, desde que não surtem o sistema, como fazem os devonotes.

A "descatracalização" faz-se necessária em todos os aspectos da vida do ser humano, não só no mental ou no social, mas no sentimental, no físico e no acadêmico. Poderá ser concretizada caso todos os cidadãos passem a ter iguais oportunidades de estudo, de trabalho e de informação. Ou seja, uma reestruturação de todos os valores dos indivíduos, tanto governantes como governados, poderá permitir igualdade entre as pessoas e a passagem livre em todas as catracas da vida.

Sim ao livro, não à catraca

É muito interessante a iniciativa de se criar um movimento para a "desburocratização" da vida. A catraca é metáfora para toda forma de controle social que enfrentamos cotidianamente, e representa não só o controle material — câmeras filmadoras, portões de entrada e saída, nos ônibus, nos escolas, números de identificação nos instituições burocráticas estatais —, mas também o invisível, como o exercido pelas práticas morais e religiosas e pelas normas viciadas do desenvolvimento da ciência moderna, de longas formas de controle mais eficazes e prejudiciais — que "enquadram" sem que percebamos. Que aprisionam. Que emburrecem.

Já disse o filósofo francês Michel Foucault que muito mais eficiente que o controle é a auto-disciplina. As religiões, por exemplo, instituíram valores morais que determinam como devemos viver. Como norma educador desde a infância dessa forma, esses valores são tão fortes que acabam sendo fiscalizados por nossa própria culpa, um elemento de disciplina interno que nos impede de ir contra o conceito. Os valores da moral judaico-cristã, por exemplo, nos dizem que devemos ser heterossexuais, nos casar, ter filhos, trabalhar muito, controlar nossos impulsos sexuais e agressivos. Apesar de muitas dessas regras facilitarem a vida coletiva, elas contrariam impulsos naturais importantes a alguns ou todos de nós, e nos condenam a repressões internas que causam sofrimento. Sigmund Freud defende essa ideia no livro "O mal-estar na civilização". Um único precepto moral, como "não fazer mal aos outros", talvez pudesse regular a vida social sem opressão tanto os cidadãos.

Outra forma de controle ainda disfarçada que ganha cada vez mais força é aquela que se rancora em saber científico. Vivemos sob a ditadura das recomendações para se atingir a saúde, vida longa, felicidade, fortuna, sucesso. A ciência ~~é~~ exata e humana do placebo, nos manda fazer exercícios, não beber em excesso, ter orgasmos sempre, viver cada minuto como se fosse o último, ~~trabalhar~~ e definir metas profissionais. Essas instruções, algumas meramente cômicas, vazias, têm cada vez mais penetração social, vide a frequência com que aparecem na mídia ou o sucesso de venda dos livros de auto-ajuda e gestão empresarial. São fórmulas que parecem nos dizer: "sejam disciplinados, não é preciso ser absolutamente de acordo com a ideologia política vigente, mas satisfeitos por estarem praticando hábitos saudáveis, seremos felizes e livres, apenas sejam medionamente e controladamente felizes, saudáveis e produtivos". Típica estratégia capitalista para manter as pessoas trabalhando muito, ~~em~~ ^{em} acordo com a ideologia política vigente, mas satisfeitos por estarem praticando hábitos saudáveis, seremos felizes e livres, apenas sejam medionamente e controladamente felizes, saudáveis e produtivos.

Há quem diga ^{que} tantas regras religiosas e de auto-ajuda acinematam as pessoas e promovem o bem-estar social. São os covardes, os tiranos. Aquelas que ignoram os efeitos ^{educacionais} da cultura como civilizadoras, mas com a vantagem de estimularem o bom senso e a autonomia.

Autofagia

A imagem de uma catraca velha e enferrujada, elevada ao status de monumento em pleno centro de São Paulo, mostra o poder de metáfora da arte representada em forma de manifesto estético. Como se não bastasse a própria catraca, que, aos olhos mais críticos, fala por si, ainda há os dizeres "monumento à catraca invisível". Abaixo, a metáfora expressa em sua intenção: "Programa para a descatacalização da vida". Que catacras velhas e enferrujadas, visíveis e invisíveis temos que ultrapassar para continuarmos vivendo inseridos e aceitos socialmente? Por que precisamos delas? Por que não passamos por cima delas? Tais questionamentos, se levados a um número grande de pessoas, principalmente aos que enfrentam as inúmeras catacras diárias da vida, justificam o programa desenvolvido pelo grupo "Contra File".

O nome faz pensar em gado, ou, pelo menos, em uma parte aproveitável do gado abatido, o que também remete à "Vida de Gado", outra metáfora inteligente cantada pelo músico Zé Ramalho, no hino ao povo submisso e controlado: "Admirável Gado Novo". Esse povo, assim como o gado tangido, obrigado a fazer um caminho que não escolheu, contado e conduzido a portais e passagens, que o direcionam, senão ao abate, à engorda, cujo fim é o abate. Para onde somos conduzidos ao transpormos as catacras da vida?

Precisamos trabalhar porque nosso trabalho nos alimenta. No entanto, este braço dos donos dos meios de produção um bem muito maior, que vale muito mais que o mísero alimento que obtemos e muito menos que o suor que desprendemos. Se é assim, se somos explorados em massa, se a nossa vida é um caminho cheio de portais (catacras), que nos levam da engorda (vida contemplativa e sem propósito) ao abate (final de nossa produtividade), por que continuamos a nos submeter? Somos humanos, não bois. Pensamos e racionalizamos. ~~No entanto~~. Porém, permanecemos na mesma condição: silenciosos e resignados.

A campanha ilustrada pela catraca deve ter o papel de instigar o povo a romper as cercas e portais que o confinam, passar por cima das catacras, fazer caminhos alternativos, seguir o caminho ~~dos sonhos~~ dos sonhos e não o da obrigação, para não deixar que "a vida soma a vida". O que se espera de uma campanha como essa é que ela incite o povo a "deixar" a vida não ser devorado por ela, recusando ser o sujeito paciente de sua história. Se não for assim, o programa não tem justificativa e a catraca monumental tornar-se-á mais um signo enferrujado de uma arte excêntrica e fadada ao esquecimento.

01 Darwin já sabia: catracas da vida pública e privada

02
03 A sociedade atual é fruto da proposta iluminista a qual pre-
04 conizava a utilização da razão e do cientificismo em prol
05 de um mundo mais livre, igualitário e hábil. Paradoxal-
06 mente, ao adentrarmos o século XXI, temos de lidar com
07 situações contrárias deste projeto civilizatório, levando-nos a
08 crer que, do ensaio original, somente os seus escombros resta-
09 ram, ou seja, as mais variadas formas de controle.

10 Ora, nós vemos submetidos a uma burocracia enfadonha e
11 limitante, por parte de um Estado opulento e arcaico ora
12 somos massacrados pelo poder oculto do capital globalizante
13 e globalizado, restrito a uma casta seleta da sociedade con-
14 temporânea. Além disso, estamos rodeados, por todos os lados, de
15 "catracas" que nos impedem o livre acesso a toda uma nova
16 possibilidade existencial do ser.

17 Nós perguntamos então, para que a necessidade de de tantas
18 "catracas" como extingui-ílas e as borçue. Se, de um lado con-
19 sequirmos eliminar as "catracas" visíveis que impedem o pleno
20 desenvolvimento dos ideais iluministas, teremos, de outro, que
21 romper com a sacralidade e dogmatização de valores morais
22 estabelecidos há séculos, o que por si só, não é nada simples.
23 Considerando ainda, o próprio crescimento natural da popu-
24 lação mundial, notaremos que mais "catracas" serão criadas, a
25 fim de organizar e hierarquizar a sociedade. Inevitável!

26 Resta-nos portanto, a seguinte indagação: "Para onde ca-
27 minha a humanidade?" Se almejarmos um novo projeto
28 civilizatório, em que sejam desfeitas todas as formas de
29 controle, pens que faz todo o sentido a descatralização da
30 vida. Do contrário, Darwin estava certo: as "catracas" são
31 mero instrumento de seleção natural de um mundo que
32 ainda necessita ser ordenado. Será que Darwin já sabia
33 das "catracas" da vida pública e privada ao propor sua
34 teoria?

As formas como somos controlados.

Não podemos negar a existência de um severo controle de nossas vidas por parte dos que detêm o poder. Este controle se manifesta de diversas formas, vindo das mais visíveis e concretas como as patrocinações, até outras mais sutis como a negação ao acesso ao esclarecimento e à educação.

Este domínio serve para a defesa dos interesses dos grupos sociais mais poderosos, os quais, dentro da nossa estrutura sócio-econômica, estão mais próximos do grande capital e fortemente representados pela figura do Estado.

O objeto usado pelo grupo "contra-filé" em sua manifestação se apresenta como uma das formas mais evidentes e presentes na nossa cotidiana do controle exercido em prol dos donos do poder, obrigando aqueles que não podem pagar a passagem a ~~se~~ se submeterem a uma situação extremamente humilhante ao vapor, nos demais passageiros sua precária situação e ter que se arrastar no chão. Esta cena pode ser vista como expressão maior dos limites e constrangimentos ~~que~~ ~~os~~ ~~passageiros~~ ^{pelos} ^{quais} passamos diariamente.

Além destes instrumentos de maior visibilidade, o controle também se manifesta de forma sutil e disfarçada, como por exemplo na necessidade de consumo criada pela publicidade e veiculada pelos meios de comunicação, criando sonhos irrealizáveis para a maior parte das pessoas. Também podemos citar como forma invisível de domínio dos cidadãos o desvirtuamento do direito de acesso a uma formação educacional crítica, através da qual todos tivessem a capacidade de identificar quais são suas "patrocinações" e, a partir disso, iniciar uma luta organizada contra estes instrumentos. Ainda no campo do invisível, não podemos esquecer as hierarquias criadas dentro de praticamente todas as instituições existentes em nossa sociedade. Por meio dela, somos induzidos ao respeito da ordem, ao custo da perda de uma parte de liberdades, nos mais diversos campos da existência humana, desde o direito de ir e vir até a privação de manifestar nossas capacidades criadora e ~~de~~ inventiva.

Enfim, vivemos numa sociedade assentada na desigualdade da distribuição de poder e para a manutenção desta ordem, existe um conjunto amplo de regras e instrumentos destinados ao controle de todos e de todos.

01 A súbita aparição de uma catraca enferrujada sobre um pedestal no largo do Arco de Desportos
 02 a curionidade de muitos. O chamado "monumento à catraca invisível", em um primeiro momento,
 03 poderia parecer alguma bizarria de um artista pós-moderno - e não o deixa de ser - mas há, por
 04 trás disso, uma proposta interessante: fazer com que as pessoas tomem conhecimento do "controle invisível"
 05 ~~das~~ "liths" que regem todos os dias. Porém, é preciso se perguntar: será que isso vale mesmo a pena?
 06 A chamada "catraca" que o grupo artístico Lontra-filé quis representar no Arco de, nada mais
 07 é do que a definição sociológica de "coerção social". Esse termo designa todas as medidas de uma socie-
 08 dade, normalizadas ou não, tomadas para que se mantenha a ordem entre os indivíduos. Essas medi-
 09 das ~~que~~ revelam em impostos, leis, moral, entre outros, que visam manter o equilíbrio na
 10 convivência entre os humanos e dar condições para a garantia da sua sobrevivência. Portanto,
 11 é válido dizer que é impossível viver no mundo atual sem girar certas "catracas".

12 O grande problema, porém, começa quando em controle se mostra excessivo. Essa situação é recorre-
 13 te na história da humanidade, na qual se mostra que o ~~o~~ principal motivo para o controle é o poder,
 14 tão desejado por tantos governos. Hoje em dia, esse poder não se limita somente a governantes e lide-
 15 res, mas se estende por todos os ~~campos~~ ^{esfêros} da ~~vida~~ ^{vida}: família, negócios, amigos, entre outros.
 16 Graças a isso, o humano atual está se apegando na burocracia, nas tendências da moda, nas regras
 17 da vida social e, alienado, sem refletir se tanta opressão é justificável ou não, acaba por reprimi-
 18 r sua individualidade para, aparentemente, se encaixar nos ditos "padrões" - a mani-
 19 ficação. Ao chegar ^{nessa} situação, o humano já não consegue se enxergar nem pensar no controle
 20 que sofre, pois sua tendência natural é adequar-se ao que todos fazem e, por isso, nessa
 21 altura é necessário fazer com que ele repense e veja o que é demais ~~para~~ e desnecessário
 22 como instrumento de controle.

23 Assim sendo, pode-se afirmar que a iniciativa do grupo Lontra-filé é válida e ali-
 24 to bem-vinda, pois, embora o controle seja necessário, ele está "perdendo controle" ~~por~~
 25 si mesmo e, ao invés de ajudar as pessoas, está prejudicando-as. A atual ignorância do
 26 homem sobre sua própria condição é a maior cruz das "catracas" e precisa ser ^{desativada} ~~desativada~~
 27 com urgência. Fazer o humano repensar e recuperar sua individualidade frente aos
 28 mecanismos manipuladores de controle não é apenas uma proposta utópica de artistas -
 29 é uma necessidade.

Empecilhos na vida cotidiana

O nível de desenvolvimento tecnológico e as regulamentações impostas pelos Estados e diversos outros institutos estabelecidos criaram um elevado grau de controle sobre o indivíduo e a grande quantidade de códigos, estipularam determinados comportamentos; impondo a uniformização das pessoas em termos de conceitos estabelecidos que, nem sempre, são os que todos gostariam de seguir.

A proposta do grupo "Contra Lillé", apesar de ser abstrata e não visar de meios para a sua realização, apresenta consistência lógica, tendo em vista a sociedade atual, criadora de padrões, a serem seguidos, podendo ser caracterizada como preconceituosa e excludente em relação aos indivíduos que não seguem a cultura dominante. É necessário ainda, considerar, do ponto de vista da imposição ideológica, a mercado capitalista e as instituições religiosas, que impõe abertamente seus pensamentos em detrimento de outros, que pensam propor um tipo diferente de sociedade.

Em se tratando de Brasil, ocorre também a excessiva burocratização dos processos que se relacionam com o Estado, como leis redundantes, contraditórias ou que não apresentam função real, a morosidade dos órgãos públicos, para a solução de questões de qualquer natureza, caracterizando outra "catraca" na vida dos cidadãos, no caso, brasileiros. A "catraca invisível" apontada pelo grupo "Contra Lillé" pode ser relacionada a diversos aspectos da vida e sociedade contemporânea e apresenta inúmeros correspondentes tangíveis e presentes de forma muito acentuada no cotidiano da população.

Se houverem a dinamização das instituições e dos processos existentes em toda a esfera de controle, além de uma maior abertura da sociedade, seria possível efetivar, ao menos em grande parte, o mencionado "projeto para a desburocratização da vida", operando uma mudança que significasse a simplificação da vida das pessoas e estabelecesse uma dinâmica maior no modo como são realizados os processos nos mais diversos níveis de poder e nas instituições presentes no plano social.

"Contra Fidei" e contra as catracas

O "monumento à catraca inicial", localizado no largo do Mourão, é um convite à reflexão que deve ser aproveitado. Em meio aos trâmites carídeos do centro da cidade de São Paulo, a memória de uma catraca enferrujada em cima de um pedestal chega a amutar, mas quando o porramento se sobrepõe ao mesmo inicial, qualquer observador percebe que vive em um mundo de catracas, com que deve lidar com que as pessoas chegam a uma conclusão e, a intenção de que justamente, a intenção do grupo artístico "Contra Fidei", responsável pelo monumento.

O "Programa para a descatracização da vida", desenvolvido pelo grupo, é uma forma de denunciar o excesso de controle a que o homem moderno é submetido. Uma análise marxista permite afirmar que tudo quanto há de superestrutura no planeta, o que inclui as manifestações religiosas e culturais, é determinado pelo capital. Já uma análise freudiana demonstra que um certo controle é necessário para que não se dê razão a todos os pulsões e se imale o caos. Entre as diversas análises possíveis a partir da problematização das catracas, existe apenas uma antiga: a "catracização" é excessiva neste mundo pós-moderno e deve ser combatida.

É claro que, sob essa antiga, não há o desejo de que cada um faça o que bem entender, da reputando as leis e o bom senso. Na verdade, é necessário lutar por liberdades, espargadas desde o símbolo das luzes por iluminadas como Voltaire que, atualmente, se encontram aquecidas ou corrompidas. Trata-se de regatar o que o capital e o governo vêm tomando das pessoas para torná-las marionetes passivas e facilmente manipuláveis. Regimes sustentados pela intobância de pensamentos, como o da China, devem ser questionados, assim como aqueles que se dizem liberais e provocam a destruição da fauna com o "tsunami" da mineração, como o do Estado Unidos. No entanto, mais uma vez a catraca impede a ação do homem, sonados pelo capital, pela economia mais promissa e a mais pedreira do mundo, respectivamente.

A destruição de todas as catracas que prejudicam o ser humano muito novo mitênis é possível. O primeiro passo é reconhecê-las. Inicialmente como a do grupo "Contra Fidei" são extremamente importantes, visto que promovem a reflexão acerca do assunto. Assim é necessário que todos se voltem contra as catracas que impedem o livre trânsito pelo caminho da liberdade, e é impossível que destruam poder os mecanismos de controle que são importantes continuamente (no Brasil, exemplo recente é o da tentativa de criação de um órgão que controlasse a mídia pelo governo Lula, de um órgão que controlasse a atividade jornalística).

Infim, é preciso surgir que o "monumento à catraca inicial" passe de objeto a símbolo, símbolo de uma luta real pela "descatracização da vida".

01 Em meados do ano passado, o grupo artístico "Contro Fila" colocou no centro
02 de São Paulo uma catraca em um pedestral, a que chamou, em tom de crítica,
03 "monumento à descatacalização da vida". A imagem da catraca associa-se principal-
04 mente o controle: ela serve para controlar quem entra e quem sai, quem vai para
05 lá ou para cá; representa também, em alguns casos, uma condição obrigatória: para
06 chegar onde quer, você deve passar pela catraca. A descatacalização da vida tem
07 em vista a liberdade: o fim das imposições, o pleno direito de ir e vir.

08 Essa liberdade começou a diminuir a partir do momento em que surgiram as
09 diferenças sociais, e um grupo começou a controlar o outro: é um processo que já se
10 estende por seis mil anos, e a forma como se dá esse controle já sofreu inúmeras
11 alterações, conforme transformava-se a organização da sociedade. Sabemos que o controle
12 das populações, através de um poder centralizado, foi o que possibilitou nosso desenvolvi-
13 mento social e científico: sem leis (ou códigos) que regularsem a ação individual, afim
14 de ~~se~~ concentrar os esforços no sentido do bem coletivo, estaríamos ainda, cada
15 um por si, na idade da pedra.

16 Porém, toda essa evolução veio às custas de um pedaço de nossa liberdade. Pas-
17 samos por momentos de escravidão, trabalho servil, ditaduras, governos militares — ca-
18 tracas enormes regulando nossas vidas. Quando lembramos desse passado, a descataca-
19 lização parece já estar em curso. Fala-se em democracia, voto para os pobres e as
20 mulheres, igualdade de oportunidades, emprego e escola para todos... mas espere! Se-
21 rá possível garantir isso tudo sem as "catracas"? Como, se não através de contro-
22 les e imposições, pode-se colocar todos na escola, por exemplo?

23 Temos então o grande desafio: Por um lado, liberdade em excesso trará ma-
24 lefícios para ~~se~~ o conjunto social como um todo; mas, por outro lado, a liberdade é
25 essencial para o ser humano, e sendo o seu bem-estar sempre o objetivo final, fica di-
26 fícil tomar uma posição que defenda um dos extremos. A busca é pela dosagem certa
27 dos tais "catracas".

28 De qualquer modo é necessário lembrar que a sociedade não é perfeita, e nem
29 nossa liberdade completa, e colocar uma catraca enferrujada na rua faz com que
30 as pessoas reflitam sobre isso. Nesse sentido, a arte pode ter um papel muito importan-
31 te de crítica social.

Barras da ignorância

A luta pela vida é constante, e os obstáculos encontrados nessa batalha têm origem nos mais diversos campos. Alguns desses obstáculos serviram de base para um grupo artístico lançar o "Programa para a desbarracalização da vida", dando a cada um de nós a "coceira" mental de investigar e analisar seus objetivos.

A ideia da catraca nos liga aos limites impostos, diariamente, em nosso caminho. Não é preciso ir longe para encontrar os principais limitadores de nossas atitudes, já que eles encontram-se em nós mesmos. As opiniões inflexíveis, o preconceito, o orgulho excessivo e o medo de fazer diferença, são as principais catracas enferrujadas da nossa mente.

há um outro tipo de limitadores, mais nocivos que os anteriores e independente da gente: as exigências e regras sociais. Ficamos, não raro, escondidos e apáticos devido a essa situação. Somos financeiramente, ideologicamente e sexualmente travados para o cumprimento de democratizações que tendem a transformar a sociedade num bloco homogêneo de indivíduos, evitando, dessa forma, particularidades.

As conseqüências mais notáveis desse processo são os constrangimentos sofridos diante o excesso de controle. O não acesso a recursos fundamentais a vida, como saúde e lazer, induz o cidadão a acreditar que realmente sua condição social inferior também se aplica a ser um ser humano inferior como pessoa.

É necessária uma libertação psicológica para tornar as "catracas" visíveis, e assim facilitar sua remoção, evitando tropeços no girar de idéias. Talvez, devêssemos também, trocar o velho dispositivo por seu outro significado: uma borboleta; possibilitando um vôo livre para os mais diversos lugares da capacidade humana, e fazendo jus a um direito inegável: a liberdade.

liberdade cercada: paradoxo interbela

O estabelecimento da vida moderna e em sociedade implicou a existência da maioria física, moral e social limitando o comportamento humano.

Quando inevitavelmente uma catraca foi exposta no longo do Arouche, um misto de surpresa e incompreensão aos olhos transeuntes ocorreu. Seria uma reinvencção do movimento dadaísta? Ou seria apenas uma velharia sem destino? Entretanto uma placa explicativa revelava um certo programa de descatracalização da vida, visando a conscientização sobre as cercas que a limitam.

Por pensar sobre tais barreiras, a associação que mais rapidamente se estabelece é a existência de câmeras e processos de monitoramento nos mais diversos recantos das grandes metrópoles, responsáveis por contratempos e renovação da perda de liberdade. Entretanto as limitações morais e sociais não são verdadeiramente anistuídas na sociedade e cujo rompimento revela-se muito difícil por desafiar um senso comum de percepção extremamente sutil. Em nome de ideologias capitalistas, o homem vê-se obrigado a também transformar-se em máquina e a obedecer de desejos e sentimentos para usufruir do materialismo desenfreado, supostamente a verdadeira liberdade.

Então desse intuito, criou-se uma falsa consciência social da qual o ser humano tornou-se prisioneiro perpétuo e em que os que ouso desafiar deparam-se com um novo encarceramento por parte dos que já estão incorporados ao sistema, o do preconceito. O aspecto da produção em série, característica da industrialização, é transferido também à sociedade a fim de se determinar um padrão de cidadões alienado e com objetivos manipuláveis. Em um controle de qualidade assaz rígido os que não se encaixam são simplesmente descartados pela marginalização.

O movimento de descatracalização do Grupo Bontia Bile apresenta contemporaneidade e importância semelhantes à que representou o Movimento Modernista para o início do século XX, no âmbito literário. Que tal como Mário de Andrade e seus companheiros, outros grupos como o Bontia Bile despertem a população da inércia mental para a necessidade de se resgatar aquela liberdade cujas barreiras incorporaram-se nas mais profundas entranhas do quotidiano, condenando o ser humano a mero títere do sistema.

A luta das algebras contra a liberdade de vida

Quantes elementos "catracalizadores" existem na vida em sociedade? A intimidade e o modo de pensar das pessoas também sofrem com a ação dessas catracas? Existem diversas barreiras cotidianas encontradas por moradores de comunidades de baixa renda e subúrbios das grandes cidades, desde a barreira física, provocada pela distância e difícil acesso a outras regiões da municipalidade, até a barreira social, motivada pela preconceito. Os negros e os deficientes físicos também encontram barreiras como esta.

Mas, além dessas catracas visíveis, existem outras. Elas são quase imperceptíveis, mas alcançam uma profundidade maior. A mídia exerce o papel de formadora de opinião, criando hábitos, tendências e estereótipos, respaldados pelo preconceito. No passado, a beleza da mulher estava em suas garfadas; hoje, com os padrões ditados pela indústria da moda, as mulheres alcançam a anorexia. Erros mermos amarras mentais influenciam a cor dos cabelos e da pele.

Há a ação policial contra os movimentos sociais, gerando a repressão de grupos, como aqueles realizados na avenida Paulista, e o controle de movimentos como o MST. Incluem-se as ditaduras militares na América Latina, apoiadas pela Casa Branca, temendo o avanço do ideário comunista e socialista no continente.

Existe o controle político através de doutrinas filaréticas. O antigo Regime sustentou-se com as teorias do poder divino do rei, que deveria ser inquestionável. As teorias absolutistas "catracalizaram" a mente e a vida do povo durante anos. Mais tarde, surgiram os teóricos iluministas, responsáveis pelas revoluções liberais e instituições contemporâneas, como a divisão do Estado em três poderes.

É possível perceber a existência de diversas algebras, seja de ordem política, militar, filarética ou racial. Alguns setores da sociedade estão se libertando libertando, como as ONG's (Organizações Não-Governamentais) da iniciativa da população, que vê os problemas sociais como responsabilidade apenas do Estado. Iniciativas como o "Programa para a descatracalização da vida" são um alerta para o modo de vida da população.

Cabracas - visíveis e invisíveis

Muito ciabra a ideia do grupo "Contra Filé" de colocar uma cabraca como monumento em protesto aos controles sobre os cidadãos: nos leva a pensar por quantas cabracas temos que passar em toda a nossa vida.

Desde as brincadeiras infantis, onde só um vence, até o dia da nossa morte, passamos constantemente por cabracas sociais, econômicas e profissionais. No ônibus, passamos e tivemos dinheiro para pagar. Na vida, muitas vezes, e assim também. Cabracas selecionam, segregam, restringem. Determinam quem entra e quem fica de fora. São consequência inevitável da nossa sociedade competitiva e consumista, já que nunca haverá lugar para todos. Se olharmos para a História, cabracas sempre existiram, e têm se multiplicado séculos após cabracas que socializaram, que condenaram, que submeteram poros internos: invisíveis barreiras que os homens enfrentaram sempre, pelo seu desejo de supremacia.

Com a ajuda da mídia, hoje mais cabracas são colocadas à nossa frente: por algumas, você só passa se tiver o peso ~~o~~ e as medidas certas; por outras, se tiver a conta bancária certa. Se você tem um carro importado, cabracas se abriam.

Há cabracas abusivas, é certo. Mas há as necessárias. Hoje mesmo, tentamos passar por uma. Aqui estamos, fazendo uma prova cuja nota abrirá ou não as cabracas da faculdade para nós.

Depois desta, viram muitas ainda, gostemos ou não. Cabracas podem ser antipáticas, mas são inevitáveis: cumpre-nos passar por elas.

De catracas e outras obstáculos

A sociedade atual é bastante desconfiada das instituições sociais e de outros mecanismos que tentam coordenar e organizar a vida dos indivíduos. Isso decorre de vários fatores, dentre os quais destacam-se o astronômico aumento do acesso à informação em escala global e até mesmo o maior individualismo das pessoas sujeitas a um sistema econômico no qual a maior quantidade de lucros e acumulação de capital são as melhores garantias para uma vida decente. Devido a isso, muitas vezes sentimos nos ameaçados por qualquer prelate ou instituição que se relacione a um maior controle sobre nossa vida individual.

Nesse sentido, o "Programa para a descontrolização da vida" tem certa pertinência. A tentativa de minimizar ou erradicar os controles a que as pessoas estão submetidas, sejam eles de origem governamental (provavelmente a principal causa do movimento) ou moral, é interessante na medida em que aumenta a possibilidade de realização pessoal de várias indivíduos premiadas e controladas por regras morais, conveniências sociais e políticas do governo. Mas o programa também aliena-se com a sociedade atual por querer, de certo modo, intensificar o individualismo, fazendo o indivíduo ser-lhe livre de "catracas" para sentir sua vontade pessoal.

É, na verdade, muito difícil erradicar as "catracas" na vida de cada ser humano por, principalmente, ter dois motivos: o fato de que, apesar de não parecer, muitas pessoas gostam e preferem esses controles em sua vida, talvez por não querem pensar muito nos motivos de organização social e por a vida ficar, em algum aspecto, mais fácil com as "catracas", já que aí há maior segurança em saber o certo e o errado na sociedade; e pelo fato de, até esta parte, uma sociedade realmente necessita de regras e controles para funcionar ao menos um pouco, já que o coletivo predomina sobre o individual numa organização social (pelo menos em teoria). Nesta cultura ocidental não colabora muito para isso ocorrer, em nossa preferência pelo indivíduo ao coletivo.

Mas isso não significa que nada pode ou deve ser feito contra as "catracas" em excesso. Pelo que acreditamos, o ser humano possui o livre-arbítrio e o desejo de liberdade como características inerentes a ele. É talvez o principal pilar de sustentação dos controles de variadas origens em nossas vidas. Mas o fato de que ~~algas~~ algumas pessoas têm voz e poder para alterar nossa organização social — ou pelo menos é nisso que muitas acreditam. O melhor equilíbrio entre individual e coletivo, na sociedade, só será capaz quando todos os seres humanos tiverem oportunidade de dar a sua opinião e discutir sobre a situação social e os rumos que a humanidade está tomando. Infelizmente, e apesar de nessa tão falada democracia, isso está longe de acontecer. Mas não importa; o que importa é caminharmos pelo tempo que seja necessário, até encontrarmos uma realidade (pelo menos é o que esperamos).

Desnaturalização das divindades brasileiras

Na mitologia grega, o deus Prometeu roubou uma faísca do fogo divino do Olimpo e deu a vida a um homem feito de limbo, roçando assim a humanidade. Como consequência de seu ato, foi condenado a ficar preso ao ápice de uma montanha para toda a eternidade, enquanto, diariamente, um abutre devorava seu fígado e, todos os dias, seu órgão se regenerava. Na sociedade do pós-modernidade no Brasil, os políticos e encasqueiros de alto patão assumem a posição de Prometeu, porém, ao invés de distribuir a faísca divina e criar um consciente povo brasileiro, esses "néo-deuses" montam para si a poderosa fogueira roubada e relegam a cidadania uma eterna condição de "manada marbó". Esses chefes saem ileso de seu crime e deixam para a nossa raça uma eterna vida de obediência e falta de espaço para expressão pessoal.

Com a falta de utopia, típica do período pós-moderno, o povo brasileiro, já com enormes dificuldades na hora de votar, fica sem saber se unir e principalmente, não aprende a exigir tantos direitos que lhes são devidos diante das tantas mudanças da Constituição. Nós, cidadãos, vemos, a cada dia, jogados à margem dos acontecimentos políticos, não participamos de debates efetivos e importantes na organização do país. E, para que não exista nunca nossa conscientização acerca disso, os meios de difusão dos acontecimentos nacionais, principalmente a televisão, não se equivalem de nos divertir com músicas bonitas e programas essenciais.

Felizmente devido à triste realidade popular brasileira, eu acredito que se justifique iniciativas como a do grupo artístico "Concha Fita" ao desenvolver o "Programa Para a Desnaturalização da Própria Vida". O grupo, ao expor seu trabalho na internet e colocar uma cabana enferrujada bem no meio de São Paulo, no largo do Anacleto, ridicularizou o papel opressivo e importante do governo brasileiro, além de tentar ajudar o povo, desprovido de informações de qualidade, a construir um novo critério pessoal. Como já disse o grande líder latino, Simon Bolívar: "A ignorância de um povo é o instrumento cego de sua destruição", portanto, não se deve continuar o erro para com os cidadãos, mas sim estimular projetos de qualquer ordem (artística, social, cultural) que elevem a percepção do povo brasileiro para torná-lo o destruidor pacífico das cabanas opressoras da vida.

Em definitivo, os "deuses brasileiros", aqueles usurpantes do poder, terão suas cabanas quebradas ao passo que o brasileiro torna-se mais crítico e consciente da sua condição à margem dos fatos relevantes de âmbito nacional. Enquanto os políticos brasileiros não têm seus fígados devorados, cabe a intuição de ajuda e conscientização popular, como o grupo "Concha Fita", instaurar a marginalizada raça e construir um povo iluminado pela faísca divina de esclarecimento. A maior cabana da vida sempre foi a ignorância, e contra esse abutre todos temos que lutar.

Livre para servir

Estamos em um mundo onde, em um contexto político interno, a liberdade é apregoaada com todas as forças e se transformou paradoxalmente numa imposição ideológica. Entretanto, as reais condições de liberdade são altamente questionáveis, como nos mostra a crítica do grupo Contra Filé que erigiu um "Monumento à catraca invisível" em pleno centro de São Paulo como parte de um "programa para descatracatização da própria vida." De maneira inusitada e irreverente essa manifestação tem à tona um sério questionamento sobre todas as formas de dominação implícita na nossa sociedade, tanto por parte do governo como, das cada vez mais poderosas, mega-corporações transnacionais.

A liberdade que se esboça para o cidadão comum é principalmente uma liberdade travestida de possibilidades consumistas que escondem todo um aparato de dominação ideológica e coersão social. Na própria internet, por exemplo, símbolo da comunicação sem fronteiras no novo milênio, o usuário está sujeito ao monopólio de grandes empresas que controlam cada etapa da transação de informações e não oferecem nenhuma garantia real do uso que farão dos dados ali fornecidos. Transferindo, dessa forma, o usuário em mais um produto a ser vendido.

Qu ainda, a dominação exercida por todo o aparato burocrático estatal em que o cidadão só passa a compor efetivamente a sociedade quando devidamente registrado e catalogado.

Dessa forma, a constatação de que a nossa liberdade está seriamente comprometida sob um véu de tendências comerciais e ideológicas, torna-se muito difícil e obtusa. Tal é o grau de inserção na sociedade capitalista e materialista em que vivemos. É por isso que a solução criada pelo grupo Contra Filé é duplamente louvável, na medida em que promove uma crítica social e o humor.

A catraca e a Gradisca

Descatracalizações, sim — mas também descameralizações e desmuralizações. Se a catraca é um objeto altamente simbólico do regime de disciplinações dos corpos e sujeições das mentes a que estamos submetidos, outros elementos do mundo ocidental contemporâneo também o são. Todos eles — os catracos, os côrners de vídeos instalados em todos os esquinas, os grades e muros que se erguem em nome da segurança — remetem ao panóptico, construção arquitetônica que garante o controle dos detentos no espaço prisional por meio de sua luz: varre constante, sem que se saiba de onde o olhar controlador provém.

Essa ignorância quanto à procedência do controle faz com que, eventualmente, o controle material e objetivo se torne desnecessário, pois era incorporado subjetivamente. É o que acontece hoje em dia — basta ir ao cinema e conferir. Algumas palavras pronunciadas em volume mais alto, e chegam "pux" de todos os cantos. O pux mais poderoso, porém, não é o de espectador ao lado: é o pux interno. Ele é eficaz ao ponto de nem nos darmos conta do trabalho de falar alto. É um pux que ultrapassa os limites do cinema: ele se insinua em discussões políticas e na vida privada das pessoas, como bem se verifica nos insuportáveis recitativos maternos do Bem-Viver. Temos manuais para o comer, o vestir, o se relacionar. São manuais -catracos, por assim dizer: cada um que os segue é mais um que passa pela catraca de disciplinações, da moda, do sexo. Tudo muito bem previsto e explicado pelos especialistas — e, já que eles já disseram tudo mesmo, a norma não vai ficando cada vez mais previsível e sem graça.

Como sair desse rode-vivo? Haveria uma alternativa ao controle? Denunciar a situação por meio de instalação -surpresa em espaços públicos pode ser um bom ponto de partida para se pensar alternativas — ou, se não servir para tanto, ao menos é uma boa provocação. E, talvez, ainda não sejamos capazes de muito mais do que isso no que diz respeito ao questionamento da ética disciplinar. Boas provocações.

Provocações e, quem sabe, recordações — no caso, de uma personagem de Fellini. Não seria lindo um monumento à Gradisca no Largo do Arcedi? Gradisca, mulher ligada à natureza e à terra, de uma vitalidade e realidade exuberantes, livres de prescrições. Uma mulher que, acidentalmente, não passa em catracos.

Pulo

Em cada momento vivido. Em cada átomo de instante, apressadamente, involuntário, há outros tantos momentos caídos, por distrações dúbias, amarguras, barreiras que impedem a eficiência, o realizarem a objetividade criando entalhes, desconexões e constatações:

Há, em cada ser humano, um sentido épico de existência. Que mesmo amargurado, amaldiçoado pelo "processo-de-cada-dia" se nega a não mais mediar. Existe em cada ser um momento arreado no pólo a idealizar "marca-nunca-darte-nascidos", uma Sebastianista laico vislumbrando o quinto império e um pequeno-grande D. Quixote que mesmo atabalhado, cansado e doente luta contra seus inimigos atemporais: o derrotismo e a visão modular.

Faz parte da natureza do ser humano lutar contra aquilo que se perde, tentar estabelecer novas rumos, novas aspirações e NUNCA, jamais, por mais cansado que possa parecer, por mais recluso pelas atitudes dos seus séculos, aceitar passivamente a linearidade. É um conceito primitivo e inerente ao próprio ser humano. Somos tuomas, mistico e que definitivamente há de melhorar em nós, mesmo que as bases chorem a lume da um, que o império não passe de algo intencional ou mesmo que o mar não que se extinga, ou que, por há os, há haja milhões de rito. A morte do ser humano é a morte da nossa existência, a morte do laço, o uncinho e o uncinho, o músico e o cantorino. A dura rotina nos sempre limites, tenta nos "catenizar", tenta destruír aquele caleidoscópio que realmente somos.

"Desnaturalizar a vida" é o mesmo que "vitar o mundo com olhos lares". Obstar, assim com a Obstar de André, coisas do ponto de vista modular. Como se fossemos construir um mapa e nos colocássemos no ponto de partida o mundo que nos rodeia em 300 graus. A visão arrejada em pé-corrente tuomas é que sempre a memória, balizaria. O pensamento atático e a arte são "desnaturalizados" já que mostram camadas mais curtas, aspectos com maior dimensão, sem latências e lentidão. Um belo quadro é muito mais que uma cena castrada de um dia instante, é uma análise subjetiva muitas vezes infinita de contemplos e possibilidades. Não há modelos pré-formulados, não há determinismos aspectos desconexões que limitam a criatividade.

Delimitar-x, descondensar-se. Não-x-há em eliminar por completo as limitações e os condicionalismos. Falar-x em termos-pó-les, homocêntrica, arditamente; Transp-a catraca, pública. Fazer um mundo livre rumo mundo sem fronteiras. Judeus, árabes e palestinos brancos do norte em Beirute. Edificantes de um país chamado Brasil, concordes a descom a melhor de si em suas respectivas causas humanas. Rompi a catraca e tipin? talvez soures e pensamentos de um articulista monar. Porém sempre convicto que, definitivamente, transp-la nunca valerá a pena se a alma for mesquinha, aturada e pequena.

Pela catraca invisível e Contra ela.

O grupo Contra Fide planta uma catraca enfiada sobre um pedestal e propõe um programa de descatralização da vida, do qual me é dado julgar a pertinência. Ora, diga-se se se justifica a pretensão idealista de escapar aos controles visíveis e invisíveis do sistema (capital, governo etc.) é tão digno quanto o seria em relação a questões como a oposição entre liberdade e sociedade, o ser livre e o pertencente, o ideal e a prática. Sim, o programa justifica-se. Mas por quê?

A metáfora da catraca é interessante e pode-se associar a história da "catraca invisível" à história da própria civilização, que, de Hobbes a Marx, é a história da sucessão e/ou aperfeiçoamento dos mecanismos de controle do homem, para alguns da "desnaturalização" do homem, que o seja.

Do ritualismo e politeísmo dos tempos antigos, passando pela institucionalização da fé (Igreja) e da lei (Estado) aos modernos códigos que incluem a boa-conduta, a má-conduta e a punição; a polícia, as câmeras de vigilância, os folhetos de com as várias portas giratórias, pedágios, sinais de trânsito, educação pública, espaços reservados para fumantes; as fitas e correntes amarelas que nos indicam para onde entrar nas filas dos bancos; ao pedaço de papel que me permite receber aquilo pelo qual já paguei, seja uma motocicleta financiada ou uma estufa de Habib's; aos uniformes e todo tipo de padronização de comportamento, minhas roupas, meu corte de cabelo; catracas; Aos muros protetores, planos de saúde e previdência privada, aos limites do campo de futebol, aos concursos, ao vestibular, ao ensino: catracas. O mundo não nos pertence e a catraca está lá para nos lembrar de que há um preço para visível.

O Contra Fide representa o romantismo, o idealismo. Podemos colocá-lo ao lado de todos aqueles que buscam ou buscam o ser humano em seu aspecto mais "puro" e incontornável, que se dedicaram a todas as lutas desapercebidas para preservar o homem de si mesmo. Não é tão simples dizer quem tem razão nessas lutas: o homem interior e o exterior - e todas as suas catracas - modificam-se e aprendem um com o outro enquanto se digladiam. Mas é isto o que justifica o programa do Contra Fide.

A catraca invisível é aquilo que nos faz baixar a cabeça, dizer que "é a vida" e seguir vivendo. Sendo assim, é claro que o programa para a descatralização da vida se justifica, mas é importante lembrar que a catraca enfiada sobre o pedestal é uma idealização: a catraca invisível "real" está sempre se renovando e não enferruja jamais.

Os macabros e os cândalos

Clarice Lispector sabe como ninguém traçar o perfil dos subordinados. Sua personagem, Macabéa, é uma mulher que passa pela vida sem entender o seu real sentido, controlada e ordenada pela sociedade a sua volta. Em um primeiro momento, isso pode parecer uma afronta: O controle existe porque há quem o exerce. E quem o obedece. Para que haja este último, é necessário privá-lo de permanente. Fugiu-lo, acreditou, jamais indagar. Um grupo de São Paulo, auto-intitulado "Contra-Filé", desenvolveu um programa onde denunciava o controle ao qual as pessoas estão submetidas durante toda a vida. Utilizando-se de um signo, a catraca, apelava pela "libertação brascalização da vida".

As catracas verdadeiramente não são poucas. Nem novas. Nas primeiras civilizações, o poder sobre os demais baseava-se em algum artifício superior real, como o caráter divino dos governantes. Importantes agrupamentos humanos eram teocracias. Durante a Guerra Fria, a mentalidade dos povos de diversos países era disputada como num jogo. Entões Unidos e União Soviética, através de propaganda política, procuravam introduzir conceitos falsos e, na maior parte das vezes, cuíeis acerca de comunistas e capitalistas. Os dispositivos atuais de ordenamento, não obstante, não são tão melindrosos quanto aqueles. Globalmente, a mídia tornou-se uma gigante ditadora de regras. A aparência, como uma identificação, determina em que lugares um indivíduo é aceito e por quais círculos sociais. A demanda por cirurgias plásticas nunca foi tão grande. O capital, sob este mesmo aspecto, inclui ou exclui.

No Brasil, os mecanismos de manutenção das catracas, as quais limitam e restringem pobres, negres, mulheres, crianças e velhos, são frutos governamentais majoritariamente. O precário ensino das escolas públicas promove uma sociedade de alienados. Prefeitos populistas, de irrisória ajuda financeira à famílias miseráveis, servem somente para aquietar as algições dos que clamam por resultados efetivos - os quais jamais vêm.

A pobreza, uma aparência desprestigiada ou ideologias diferentes não abrigam das catracas a que estamos submetidos constantemente. O permanente crítico e a referência representam instrumentos que podem pulverizá-las. Não reformos Macabéas indiferentes e pacíficas. Aprendamos, ainda hoje, a vandalizar esse espetáculo do controle.

Monumento a quebra das "cabeças sociais"

Passamos por tantos "trajetos" no nosso dia-a-dia que acabamos por, não nos dar conta do quanto somos (física e psicologicamente) controlados e vigiados — há em todos os lugares "cabeças sociais" ou "polícias" que sempre nos dizem como ser, o que fazer ou por onde andar. Mas, afinal, é justo que tenhamos o nosso comportamento estruturadamente controlado para o "bem" da sociedade?

Vivendo em sociedade somos sempre "tentados" e orientados a seguir a opinião e os modelos da "maioria" dominante — condicionar o diferente, o "fora do padrão"; estabelecemos "cabeças" impositivas para selecionar vestimentas, hábitos, preços; somos observados e pesados a cada momento como gado a caminho do matadouro. Pagamos o pessoal para estar dentro dos padrões de beleza, elegância e felicidade que nos não importam e quando decidimos fazer algo do nosso agrado mas que agrada a "cabeça do senso comum", somos imediatamente retidos e discriminados, ainda que de maneira hipocrítica e mesocora da.

Os detectores instalados em bancos não instrumentalmente necessários, no nosso volátil mundo, porém há detetores invisíveis e cruéis pelos quais passamos diariamente e não nos damos conta — um grande e absurdo exemplo de "detetor invisível", que registra e julga, é o chamado "elevador de serviço", pelo qual são obrigados a subir e descer os trabalhadores de "menor escala" em alguns lugares. Ou seja, há uma rotulagem pessoal-social-econômica antes de se abrir a porta de um elevador ou de um tribunal para pessoas "propriamente vestidas". Somos "cabeçalizados" inicialmente para que haja o elevador ou o tribunal para "pessoas mais importantes" ou "melhor vestidas" e um para as "menos importantes" ou "mal vestidas" segundo o padrão.

Refletindo sobre a questão do controle burocrático, da contagem e controle dos cidadãos pelo poder público, chegamos à conclusão que a "cabeçalização" é medida puramente alegórica para tapar políticas enfraquecidas ou mal direcionadas e proporcionar aos cidadãos a sensação de "estar sendo vigiado e, portanto, protegido" — enquanto o governo perde o controle que realmente deveria ter: o controle da criminalidade, da mortalidade infantil, do analfabetismo (até) da corrupção, etc. O trabalhador precisa ser medido e vigiado a cada instante enquanto o corrupto não precisa passar por "cabeça" alguma em nenhum caso importante comprado com dinheiro público.

Sabemos que medidas, às vezes draconianas, tem que ser tomadas em nome da segurança e do bem-estar de todos, mas a "cabeçalização", seja ela física ou social, pune quem menos possui representando: os cidadãos trabalhadores. Sabemos a qualidade da vida no mundo hoje muito maior, se, ao invés de instalar cabeças e "supercontroles" ao pensar, investíssemos mais numa educação retida para a formação do caráter e o respeito mútuo e na criação de cidadãos em condições de fazer escolhas por si próprios, as cabeças ficariam apenas para a contagem, onde são absolutamente indispensáveis e servem muito menos para registrar e precificar.

Catracas do inconsciente

É quase proverbial dizer que os brasileiros são um povo pacífico. Apesar das levantes revolucionários de outrora - poucos, se comparados a outros países latinos - o status quo do poder não enfrenta grandes conflitos com a população. Engana-se, porém, quem acha que isso é consequência da verve pouco garbada de produto nacional. O brasileiro vive, hoje em dia, sob o jugo de um controle discreto e eficiente - uma escravidão psicológica velada.

Como um gado conformado com o tamanho pouco da porteira do curral, a população é controlada facilmente pelo poder vigente - seja este de esquerda, direita ou o que. E esse efeito se dá sem armas, exército, leis constritoras ou coisa feia. Pacífica não é o povo: pacífica é a imagem que o controle populacional toma.

Isso não é fenômeno recente, sendo característica de outros períodos populistas do governo - ogetulista, por exemplo, mas, se naquele tempo os subversivos ainda se esforçavam numa organização contrária, esse espírito não existe mais. A face da contestadora do povo foi vaporizada pelos anos da ditadura militar. Marcou-se à ferro quente no inconsciente da última geração que o pacifismo é mais saudável. É a temida tendência brasileira do "lua-se e vide como ~~de~~ dá": o povo vai com a maré, se ela pra onde da for.

Instalaram-se catracas na coletividade brasileira idênticas àquela instalada no Largo do Arouche. A subversão tornou-se produto de boutique, servindo apenas para que seus utilizadores fiquem mais "bacaninhas" perante os demais, gerando lufadas de admiração inútil.

É necessária uma reeducação dos brasileiros, mas para além dos efeitos cosméticos. Tem que se combater o conformismo, quebrando as amarras que prendem o gado ao seu posto virtual. Não para gerar uma guerra civil de todos contra todos, mas para viabilizar um povo consciente, que argumente o que acontece, e não que fique apenas mimando a vida. Uma estética "subversiva" em local público pode ser um primeiro passo. Mas há que se ir além.